

Poesia: duas possibilidades de rosto

Fernando Paixão

I

Escrevo sobre o papel em branco. Bato teclas, organizo as palavras e ocupo os minutos no compasso das idéias. Posso dizer que estou livre, diante do puro branco. Posso, por um instante, imaginar que sobre essa planície vacuosa - alvíssima liberdade - faço incidir todos os riscos e tons, segregar meus plamas, vomitar as curvas do pensamento e da emoção.

Oh, linguagem: queria fazer de ti a minha pele. Sobre o meu corpo oco, tuas possibilidades formariam a minha carne. E, como a ventania pressupõe o ar, tu serias meu nome.

Assim fazem alguns poetas, alquimistas do verbo.

Devoram a si mesmos e se multiplicam, redivivos, nos estilhaços das palavras.

Com justa precisão.

A poesia irrompe, reveladora de substân-

cias reencarnadas.

Mães violadas, esquinas de objetos, musgos e mulheres escatológicas se reúnem sob o mesmo signo, alinhavando uma identidade poética e criadora.

Por exemplo, a do poeta Herberto Helder:

"A palavra erguia-se como um candelabro,
a voz ardia como um inesperado campo de giestas.
E nós sustínhamos em nossos dois ombros o fulgor
e a tristeza divina..."

Ou a de Carlos de Oliveira:

"Localizar
na espessura frágil
do tempo,
que a linguagem
pôs
em vibração,
o ponto morto
onde a velocidade
se fractura
e aí determinar
com exatidão
o foco
do silêncio."

II

A questão da identidade poética, dentro da tradição moderna, instaurada a partir de Baudelaire, é mesmo um dos pontos centrais para se entender a função e funcionalidade da poesia, hoje. Claro que tal questão não

pode ser colocada de maneira genérica, redutora, sem considerar os diversos matizes que pode apresentar. A identidade se define e se conquista, primeiramente, pela determinação de sua própria especificidade. A especificidade de um poeta, por sua vez, não se configura apenas pelos elementos que ele invoca ou estiliza em sua poesia, mas principalmente, creio eu, pelo procedimento com que elabora imagens e abrange os enigmas e mistérios do mundo. Perguntar, silenciar, procurar respostas ou amplificar as sensações podem ser diferentes modos de estar diante da realidade, procriando maneiras diferentes de realizar-se pela linguagem.

Entranhado nessa questão, coloca-se ainda o problema da alteridade. Ou seja, é preciso perguntar a tê que ponto o sujeito poético conjectura a intervenção de seus poemas e que relação estabelece com essa suposta alteridade, transformada em referência de crítica e de criação simultaneamente. Dentro dessa perspectiva, a alteridade reflete, em termos contrastados, os traços da própria identidade, pois é algo que fecunda a produção poética em sua gênese, ocultamente. Dela, o leitor é apenas parte. Na verdade, a alteridade com a qual o poeta se relaciona acaba sendo fruto de uma co-extensão produzida pela sua própria produção, abrangendo mecanismos sociais, lingüísticos e psicológicos. Olhar, estando sob o estigma de ser olhado, é a contingência do nosso tempo na qual a produção poética se move e se procria.

III

- Essa clareira que está entre nós e se queima tonta,
dissipada,
é que vale a pena botar lenha na vertigem sexual, mi
neral da pele,
árvores que brotam dos cotovelos, dos pés e das
axilas,
tão paisagem quanto uma lagoa na floresta,
e corpo é a nódoa que o acompanha,
é verdade dizer que sim quando soa o não,
essa mulher sem nome que chama da rua,
quase morte enfileirada em beijos,
ninguém assusta os habitantes anônimos das esquinas,
escrevemos letras com grãos de arroz na terra,
viagem fungada dos livros para o sonho,
as veias do sonho terrível, essa poesia,
enxame de gratuitas borboletas de fogo
voando e crismando essa fogueira intermitente,
palavras metidas no puro processo da biologia. -

IV

A poesia, enquanto produtividade, projeta-se como dimensão simbólica. As forças que se manifestam nos poemas, já dizia Bachelard, não passam pelos circuitos do saber. Por isso mesmo, o poeta pode fundar a sua identidade marcado pela aventura do risco, em que confluem vislumbres de prazer e pontos de tensão, binômio de encanto e ansiedade. No caso de Herberto, essa aventura se dá a partir de uma prospecção horizontal, isto é, sua poesia (enunciada do centro mesmo da tensão) se esprai e interrelaciona ele-

mentos distintos e estranhos entre si. Um arranjo novo, diferente, se instala - por graça da linguagem, posta em estado de ressurreição pela via simbólica:

"Porque o amor também recolhe as cascas
e o mover dos dedos
e a suspensão da boca sobre o gosto
confuso. Também o amor se coloca às portas
das noites ferozes
e procura entender como elas imaginam seu
poder estrangeiro."

A poesia dilata-se livremente e ancora aonde a imagem encontra vigor. Portas de noites ferozes, mover de dedos, recolher das cascas, são figuras imantadas pela mesma sintaxe emotiva.

Resta então a pergunta: que funcionalidade, no final das contas, encerra essa prática poética?

E duas explicações se descortinam. Uma delas está dada por Hugo Friedrich, que, diante da "maneira enigmática e obscura" da lírica moderna, afirma ser este tipo de produção poética "uma criação auto-suficiente, pluriforme na significação, consistindo em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estados pré-racionais, mas também deslocam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos."

Já uma outra explicação, não completamente antípoda, mas com princípios diferentes, pode ser formulada considerando-se que esta poética, tal como Herberto Helder a concebe, desempenha de modo radical as fun-

ções da dinâmica simbólica. Estas funções são basicamente as seguintes: de exploração, mediação, socialização, transcendência e transformação. Enfeixados nessa dinâmica, os símbolos engendram-se como "esquemas motores tendendo a integrar e a harmonizar as pulsões e os reflexos do sujeito com os imperativos e as incitações do meio". Ou, para dizer nas palavras de Pierre Emmanuel, o pensamento simbólico procura assim realizar a "esmos e continua do interior e do exterior":

"A minha idade é assim - verde, sentada.
Tocando para baixo as raízes da eternidade."

No caso de Herberto Helder, esse procedimento contribui para que a identidade poética seja, ao mesmo tempo, o obscurecimento de seus contornos. Confabulando elementos do acaso, ligados pela magia e pelo caráter cosmogônico que é estar-no-mundo, sua trajetória encerra sempre a marca imponderável. A mediação da linguagem torna-se explosiva e recriadora do cosmos. O pensamento do poeta respira, o corpo acontece em palavras.

V

- Todo meteoro que atravessa uma solidão transforma-se em anjo repentino, âncora de uma luz potencial guardada num saber vazio, e seu encanto nos imo

biliza: estátuas, somos fígados pelo desejo. O cão e a luz fazem parte de um mesmo e único amor, acobertados na distância; o homem e a mulher - meteoros - penetram na noite onde podem gravitar carícias. Contudo, a fronteira permanece; líquida, mas resistente: os olhos são unhas que se encontram barrando rios de sangue quente. Os segredos são pêndulos de um tempo outro, insistente. E a voz, nem uivo se faz.

Perpassar, então, a noite com ansiedade e comover-se com o fio do amor é uma cegueira cotidiana? O encanto resultará enfado? O silêncio, o que fazer dele quando pousa águia em nossas bocas tremedeiras? Com que remendo tapar a estranheza dos teus olhos frente a mim? Onde termina o peixe, onde começa o anzol? -

VI

Num sentido diferente de Herberto Helder, em termos de identidade concretizada pela linguagem, temos a produção de Carlos de Oliveira. Embora amigos, conversadores de muitas horas noturnas, sim, eles têm ocupado lugares diferentes da poesia. Em Carlos de Oliveira acontece que a palavra inscrita no poema vem já cristalizada, fundando uma geometria rigorosa no dizer poético. O gesto de escrever se inscreve sobre a página como se fosse uma síntese, de longa maturação, e, até por isso, seu recorte é agudo:

"Se o poema
analisasse
a própria oscilação
interior,
cristalizasse
em outro movimento
mais subtil,
o da estrutura
em que se geram
milênios depois
estas imaginárias
flores calcárias,
acharia
o seu micro-rigor."

Poetar transforma-se assim num verbo sinônimo da prática medieval alquímica. Tal como afirma o crítico Nuno Judice em artigo no Jornal de Letras (Lisboa): "há no percurso poético de Carlos de Oliveira, um arquétipo alquímico, sugerido pela analogia entre a construção poética e a fabricação da Grande Obra". Seus poemas surgem como relevos precisos de uma subjetividade que, vencendo a obscuridade, demarcam um itinerário de experiências inequívocas, descendo aos infernos, dissecando uma micropaisagem, etc. Juntando-se, pois, estes relevos e unindo seus traços, está dada a face do poeta, sua identidade, e que em Carlos de Oliveira persegue uma conquista fundamental: a de ser o poeta o próprio construtor de sua liberdade.

E, sendo essa a sua busca, não estará ele de fato querendo vencer a alienação que a idade moderna lhe impõe? Retornando aos elementos fundamentais da na-

tureza, presença constante nos seus versos, não estará ele recuperando para si o sentido essencial do olhar, sem o jugo dos pré-conceitos?

O primeiro poema de seu Trabalho Poético já anuncia o horizonte sobre o qual edificará seu rosto:

"Terra
sem uma gota
de céu."

E se hoje estamos condenados ao convívio das superfícies mortas, se o signo que cotidianamente se abate sobre nós, fatal, é o d'A COISA, travestida sempre, o poeta ergue sua voz contra a Noite Ocidental. Empreende em sua poesia um "trágico peso de palavras / como um descer da morte / aos descampados."

VII

- Narciso não tinha a sabedoria dos limites e afogou-se, encantado consigo mesmo. Narciso tinha um espelho fiel, e era belo, sem reconhecer-se. Narciso estava disponível. Por isso, Narciso deixou-se figar pela sua mesma imagem refletida na água, e quando encontrou, algum ovo explodiu entendimento. Nesse dia, rompeu-se a monotonia, e o rio encarregou-se de levar os pedaços de Narciso junto com as águas, jamais recom-

postos. -

VIII

Lado a lado, as identidades poéticas de Herberto Helder e Carlos de Oliveira contrastam-se, embora se iluminem mutuamente e mantenham até certa proximidade. Sem querer comparar duas produções tão divergentes, talvez seja esclarecedor ater-se em sua distinção básica.

Por um lado, a experiência poética resulta na linguagem de Carlos de Oliveira como uma experiência sintetizada, quimificada. Os poemas se constroem como se a aventura, a conquista poética, antecedesse ao próprio lugar das palavras. Nele, a concepção poética sugere estar anterior ao próprio poema, que se finca como resultado, limite alcançado. Assim, do ponto de vista da identidade, o poema não se processa enquanto trânsito transitório das substâncias com que o sujeito poético se depara, mas como impressão momentânea e rígida dos seus contornos. As imagens brotam esquadrihadas em seus poemas: "entrego-as às palavras como se entrega um filme aos saís da prata. Quer dizer, numa pura suspensão de metais, revelo a minha vida".

Já em Herberto Helder, a concepção do poema se dá como processo de busca - tanto das coisas em que depositar sentido como na fisgagem de palavras para

figurar-lhe a aventura. Sua poesia incorpora o risco da criação nela mesma e esse é um dos seus temas revisitados constantemente pelos seus versos, direta ou indiretamente. A palavra está quase sempre colocada de tal modo a espelhar o limbo tenso e louco da percepção dos sentidos:

"Um poema cresce inseguramente
na confusão da carne.
Sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto,
talvez como sangue
ou sombra de sangue pelos canais do ser."

Esta é, contraditoriamente, uma distinção que contrasta, mas que também aproxima estes dois poetas. Se concebermos a produção poética como um universo onde gravitam as substâncias da linguagem, a identidade poética pode ser compreendida como uma arquitetura de astros e de movimentos que o poeta cria e desenha para si e, extensivamente, para o leitor. Enfim, o sujeito poético constitui-se enquanto cosmogonia expressiva. E é a partir deste ponto que salta uma estreita semelhança entre Herberto Helder e Carlos de Oliveira: ambos entregam-se à palavra como a um desafio que reduplica a esfinge do mundo. A maneira e o trajeto de decifrá-la, se é que é possível, é que modela a face do poeta sobre o papel, marca intransferível impressa sobre o branco.

IX

- Candeias nunca usadas foram colocadas nas ruas, à frente das casas, queimando o álcool dos pressentimentos. Abateu-se sobre a cidade um escuro repentino e os homens se puseram a recriar um ritual esquecido, perdido através das gerações. Ah, que lágrimas de fogo se derramam pelas calçadas. Pelo olhar das janelas os olhos dos homens se enfiam e vigiam a cada minuto a disciplina religiosa do fogo, sobre o qual se equilibra o peso da morte.-

X

Não se tenha dúvida, porém, que os poetas Herberto Helder e Carlos de Oliveira, ao mesmo tempo que configuram sua identidade poética, presentificam-se no leitor. A revelação é imediata e mediada, na sua fulguração, pelo ato mesmo da leitura. É no leitor, em segunda instância, que as palavras recuperam o seu elemento catalizador e retomam o sopro vital.

São dois poetas, portanto, cuja identidade só é possível perceber e resgatar sob o ponto-de-vista da leitura. Cerzida livre, esta poesia mantém-se em constante diálogo com uma alteridade de elementos sociais e individuais, e não renuncia à cumplicidade do leitor.

E assim a poesia faz a sua mágica. Lendo, o leitor envereda pelos atalhos propostos e incorpora, ainda que momentaneamente, a identidade dos poetas. Entra em processo de volubilidade. Aí imerso, então - voltando-se também com os sinais da realidade - a criatura leitora cristaliza, em si mesmo, uma outra identidade; face dessemelhante, que pode multiplicar-se pela escrita, ou não. Estará no meio da vida, é certo. Talvez tornando possível uma outra simbiose dos nomes: Carlos Herberto de Oliveira Helder.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, G. - A Poética do Espaço. São Paulo, Editora Abril, 1978.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. - Dictionnaire des Symboles (4 vols.). Paris, Ed. Seghers, 1976.
- FRIEDRICH, H. - Estrutura da Lírica Moderna. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1978.
- HELDER, H. - Poesia Toda. Lisboa, edições Assírio e Alvim, 1982.
- OLIVEIRA, C. - Trabalho Poético. (2 vols.). Lisboa, editora Sá da Costa, s/data.